

# A discussão metodológica e a construção do campo do jornalismo

Aline do Amaral Garcia Strelow\*  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

## Índice

<b>1</b>	<b>Resumo</b>	<b>1</b>
<b>2</b>	<b>Ciência e método</b>	<b>2</b>
<b>3</b>	<b>Na prática</b>	<b>7</b>
<b>4</b>	<b>Considerações finais</b>	<b>11</b>
<b>5</b>	<b>Referências bibliográficas</b>	<b>11</b>

## 1 Resumo

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre a discussão metodológica na construção do campo do jornalismo. Para isso, vale-se do diálogo com autores que já se debruçaram sobre a questão e dos debates empreendidos recentemente no campo, em nível nacional. Além disso, apresenta uma estratégia metodológica para o estudo dos processos jornalísticos, proposta em tese de doutorado defendida pela autora.

A construção do campo do jornalismo implica em uma série de discussões epistemológicas, teóricas e metodológicas. Quais os objetos de pesquisa deste campo? Quais suas principais teorias? Do que se tem produzido atualmente, o que pode ser considerado teoria do jornalismo? Quais os métodos de pesquisa

---

\*Jornalista. Professora do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutora e Mestre em Comunicação e Práticas Sócio-Políticas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

da área? De que modo eles são aplicados e/ou problematizados? Neste trabalho, centraremos nosso olhar sobre a questão metodológica, que julgamos urgente para a consolidação do jornalismo como um campo de pesquisa científica.

## 2 Ciência e método

O exercício da ciência, cujo objetivo é a explicação do mundo, é altamente regulado e dependente da aplicação de um método (MARTINO, 2003). Ainda que não possa acessar a realidade propriamente dita, ou ontológica, o homem esforça-se em buscar um desenho o mais próximo possível dessa realidade. Kant ressalta que, quando os sujeitos do conhecimento transformam a realidade ontológica em objeto passível de conhecimento, inevitavelmente reconstroem essa realidade, independente da área na qual empreendem suas pesquisas. Diante da inacessibilidade da verdade ontológica, o ser humano tem de se contentar com a verdade fenomenológica, como pontua Rodrigues dos Santos (2001, p. 32).

A verdade ontológica torna-se compreensível em sua versão fenomenológica através dos discursos, partilháveis em patamares de intersubjetividade sempre que o objeto, de alguma maneira, sobrepõe-se aos diferentes sujeitos que o conhecem, ou seja, quando há objetividade, como explica Sousa (2006, p. 319). Para ele, o discurso científico tem sempre uma intenção de verdade, uma intenção de compreensão e de conhecimento do objeto, um compromisso com a realidade, ainda que fique no nível dos fenômenos e não dos nômens<sup>1</sup>. Assim, os métodos mais precisos e fiáveis de aproximação do sujeito à realidade são os métodos científicos e o conhecimento mais fiel à realidade fenomenológica perceptível é o conhecimento científico.

Comprovável e verificável, o conhecimento científico pode ser refutado quando não passar nos exames aos quais deve ser submetido. “Portanto, na ciência, não se deve abandonar a intenção de objetividade, a intenção de sobreposição do objeto de conhecimento aos sujeitos de conhecimento, materializada na idéia de que sempre que existe evidência suficiente pode-se afirmar com certeza uma verdade científica”, afirma Sousa (2006, p. 319).

Para descortinar essa verdade, a ciência vale-se de métodos, eles mesmos postos à prova cada vez em que são aplicados. São as técnicas e procedimentos científicos que permitem ao pesquisador enxergar o objeto com olhos de analista. Seu objetivo não é fornecer amarras ao conhecimento, ou enquadrá-lo em

<sup>1</sup> O nômene é a essência da realidade. Algo que está além do território perceptivo dos seres humanos (SOUSA, 2006, p. 318).

uma fórmula estanque, comprovável apenas na repetição. É, sim, possibilitar, de certa forma, a construção do curso real dos acontecimentos através de palavras, a fim de torná-lo inteligível e comunicável, como disse Park (1970, p. 171-172). Em seu estudo sobre a notícia como *forma de conhecimento*, o autor define o conhecimento científico como o resultado da observação sistemática do mundo, buscado com todo o aparelhamento formal criado pela pesquisa científica. Não há, para ele, no entanto, nenhum método científico totalmente independente da intuição ou da percepção. O que os procedimentos científicos fazem, além de garantir a supremacia do objeto perante o sujeito, é proteger o investigador dos perigos de uma interpretação baseada na corrida apaixonada pelo conhecimento.

Obedecer a um método não significa ser seu escravo, negar o que mostra a sensibilidade e as fatalidades do percurso científico. O método é, antes, o guia deste saber, indispensável para a construção da ciência e para a máxima aproximação da verdade.

Em uma crítica ao que considera a aplicação do positivismo na academia, Machado da Silva defende que a poesia no método é também a aceitação de que não há metodologia definitiva, não há método pronto, não há pureza metodológica. “Durante muito tempo, no âmbito acadêmico, se condenou a mestiçagem cultural, a mescla de referências, a conciliação dos inconciliáveis. Hoje, apesar do espectro sempre robusto do positivismo rondando o campo científico, a antropofagia já pode figurar na ceia da pesquisa universitária” (2003, p. 264). O autor não crê, no entanto, na possibilidade de um método *a priori*. Embora ressalte que a impossibilidade do método não representa recusa do rigor ou abandono da orientação, afirma que, se método significa conhecer o caminho de antemão, então só há método *a posteriori*, só há relato metodológico depois da caminhada concluída.

Compartilhamos de sua visão a respeito da mestiçagem cultural, do cruzamento de diferentes referências, da interdisciplinaridade. Discordamos quando nega a possibilidade de uma reflexão metodológica anterior ao desenvolvimento da pesquisa. Acreditamos que o conhecimento científico se constrói e reconstrói através de seus métodos, que não servem para amordaçar a intuição ou excluir a imaginação, mas, antes, para libertar o pensamento.

Como bem sublinha Machado da Silva (2003, p. 265), a tarefa do investigador não é confirmar um método, mas fazer emergir o conhecimento. Para isso, é necessário recorrer a meios, a instrumentos, que não são neutros e, portanto, incidem sobre a descoberta. O meio, para ele, não pode ser transformado em fim, o conhecimento não pode se deixar dominar pela metodologia de construção do saber. Compartilhamos, em parte, de seu ponto de vista. O

método não é o fim, é o meio para se chegar ao conhecimento. A simples confirmação de um método não garante cientificidade à pesquisa. Porém, pensar metodologicamente os objetos de determinado campo do saber, propor olhares, guias, as já referidas lentes de um microscópio mental, é relevante para a consolidação deste campo, para a construção do discurso científico e para a constante problematização de suas questões. A grandeza do método, como refere o autor, não deve ser reduzida à pequenez das formas de catalogação e registro. Ele significa um modo de enxergar a pesquisa e o mundo. Está impregnado pelas experiências do pesquisador, e é importante que seja assim.

## 2 - Metodologias de pesquisa em jornalismo

A necessidade de metodologias específicas para o estudo do campo jornalístico é evidenciada por muitos pesquisadores contemporâneos. Essa demanda tem objetivos não apenas científicos, de demarcação e consolidação de uma área do saber, mas, especialmente, sociais, com o intuito de propiciar o diálogo entre o pensamento acadêmico e a prática profissional. Um método criado a partir das inquietações e da realidade própria do jornalismo oferece alternativas mais consistentes para a ultrapassagem dessa barreira, um dos principais desafios dos pesquisadores contemporâneos em comunicação.

A pesquisa na área amadureceu muito desde sua institucionalização. No entanto, ainda não conseguimos estabelecer um diálogo entre nossas pesquisas e o mercado jornalístico profissional. Não há dúvida de que estamos tratando de dois espaços distintos de construção do conhecimento – o campo da pesquisa em jornalismo e o campo do jornalismo em si. O desenvolvimento de ambos, porém, exige interação contínua, troca, contato. O pesquisador que *pensa* o jornalismo sem *olhar* o jornalista e o jornalista que *executa* sua função sem *refletir* sobre ela, estão contribuindo, igualmente, para o perigoso alargamento da distância entre a teoria e a prática.

Para Sodré (2003), o desafio epistemológico do campo da comunicação é construir um paradigma de conhecimento em que o discurso reflexivo não seja totalmente estranho ao senso comum dos agentes sociais da comunicação, expresso tanto na mídia quanto na diversidade das práticas culturais. O objetivo é produzir um saber ético ou prático no sentido da atribuição de um sentido humano ao bios-midiático, um saber capaz de reorientar as elites logotécnicas (jornalistas, diretores de mídia e produtores culturais, entre outros) e as comunidades tornadas audiências.

Evidentemente, a Comunicação não pode subtrair-se ao território do pensamento social, alinhando-se, portanto, com o que se vem chamando de ciências do homem. Mas é também evidente que não se trata de mais um mero objeto das velhas disci-

plinas sociais. Reconduzir o campo comunicacional ao paradigma já gasto das demais disciplinas sociais parece-me um retrocesso epistemológico (SODRÉ, 2003, p. 311).

Na década de 1970, Melo (1970, p. 46) criticava a utilização de técnicas das Ciências Sociais pelas Ciências da Comunicação e da Informação, algo bastante recorrente na época e, ainda hoje, tendo em vista que a segunda surge como um ramo da primeira. De acordo com o autor, no entanto, este fato não prejudicava o delineamento de uma metodologia peculiar, em fase de concepção e de experimentação naquele momento.

Desde lá, diversos pesquisadores, iniciantes ou experimentados, debruçaram-se sobre o tema, seja estudando a aplicação metodológica nos programas de pós-graduação em comunicação social, como fez Lopes (1990), elaborando manuais para projetos de mestrado e doutorado, a exemplo de Santaella (2001), abordando criticamente os trabalhos empreendidos na área, como o texto de Rüdiger (2002), ou alertando para a urgência da compreensão da *esfinge midiática* pelas comunidades acadêmicas, a fim de retornar à sociedade o conhecimento necessário para desvendar os processos comunicativos, como escreveu Melo (2004), para citar apenas alguns.

Gadini (2005) salientou que as referências bibliográficas na área da comunicação abordam, genericamente, as “metodologias” de pesquisa em comunicação e, muito raramente, buscam discutir ou mesmo propor as bases metodológicas aos estudos em jornalismo. Para ele, é necessário pensar em estratégias metodológicas capazes de nortear e, acima de tudo, desafiar outros estudos em torno da produção e do campo jornalístico. “Daí porque buscar formas de melhor compreender o que temos e o que podemos, e talvez precisamos, consolidar em termos de orientações conceituais e metodológicas constitui um desafio atual e, ao que tudo indica, fundamental para garantir o necessário fortalecimento e autonomização do campo de produção jornalística”, diz (2005, p. 187).

Na I Journalism Brazil Conference, evento realizado em Porto Alegre (RS – Brasil), em novembro de 2006, pela Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), uma das temáticas recorrentes entre os participantes de diferentes países<sup>2</sup> foi a urgência de pesquisas comparativas internacionais, que cruzem dados a respeito do jornalismo em escala mundial. Algumas modalidades de trabalho foram propostas, como a criação de uma rede de estudo comparado, onde a pesquisa seja completamente colaborativa. A co-

---

<sup>2</sup>Em especial, pelos pesquisadores Frank Esser, Thomas Hanitzch e Elias Machado, na mesa *Networking Journalism Research*, e Barbie Zelizer, na apresentação *Journalism and The International Academy*.

operação internacional poderia acontecer, por exemplo, com a junção de um número representativo de pesquisadores, cada um ou cada grupo analisando a realidade de seu país. Os dados levantados seriam cruzados, sendo que cada trabalho passaria pela avaliação e análise de todos os participantes. São muitas as dificuldades para se colocar em prática um modelo como esse, passando pela necessidade de todos os pesquisadores conhecerem as realidades do jornalismo nos países estudados e esbarrando em problemas de financiamento e idioma, além da falta de interesse dos investigadores por estudos como esse, que exigem tempo e disponibilidade. Uma das questões comuns aos estudos que abordaram esse tipo de pesquisa é a necessidade de se trabalhar com metodologias comuns, voltadas aos estudos do jornalismo.

Machado, em sua conferência (2006), sublinhou a falta de problematização dos objetos do jornalismo frente a técnicas e metodologias de outras áreas, predominantes em nossas investigações. Para isso, segundo Machado, é necessário o emprego de métodos híbridos. “A importação de métodos dificilmente vai colaborar para a constituição do jornalismo como disciplina autônoma. É preciso desenvolver ou adaptar metodologias para os diversos sub-campos do conhecimento”, explicou, salientando que muitas das metodologias aplicadas na atualidade não são satisfatórias, pois são externas ao campo. O pesquisador alertou para o fato de que a metodologia, no entanto, não garante a qualidade dos resultados, e que, obviamente, uma metodologia não exclui as outras. Em artigo publicado na revista *Brazilian Journalism Research* (2005), Machado define o jornalismo como um campo de conhecimento, e reivindica a reflexão metodológica para a consolidação deste campo.

Recentemente, Jorge e Barros publicaram *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação* (2006), onde reúnem o pensamento de diversos investigadores de ponta da área a respeito dos procedimentos e técnicas mais comumente empregados nas pesquisas sobre a comunicação e, inclusive, o jornalismo. Em 2007, Benetti e Lago lançaram *Metodologias de pesquisa em jornalismo*, obra que discute a intersecção entre o jornalismo e outras áreas do conhecimento, a aplicação de métodos científicos e apresenta, ainda, exemplos de pesquisa realizadas neste campo. Em 2008, foi publicado, em Portugal, *Jornalismo – História, Teoria e Metodologia: Perspectivas luso-brasileiras*, organizado por Jorge Pedro Sousa.

Ainda em 2007, as metodologias de pesquisa em jornalismo foram o tema central do 5º SBPJor – Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, realizado em Aracaju (SE), entre os dias 15 e 17 de novembro. Verifica-se, assim, uma abertura dos pesquisadores da área para esta temática, essencial para a consolidação deste campo de pesquisa. No evento, verificou-se que

a discussão metodológica acerca do jornalismo enquanto objeto de pesquisa científica ainda é bastante incipiente. Grande parte dos investigadores da área não a empreendem em suas pesquisas e, pior do que isso, na maioria das vezes sequer citam a metodologia empregada (HOHLFELDT e STRELOW, 2007). Berger (2007), pesquisador norte-americano, referiu, em texto publicado no Brasil recentemente, a obsessão metodológica dos pesquisadores em comunicação na atualidade. Obviamente, ele não se refere à realidade brasileira. Se, nos Estados Unidos, a busca incessante pelo rigor metodológico transformou-se em um problema pelo excesso, nós vivenciamos, ainda, a situação contrária.

A construção de metodologias peculiares às Ciências da Comunicação, iniciada ainda na década de 60, com a criação do Instituto de Ciências da Informação (ICINFORM) por Luiz Beltrão, é uma tarefa ainda em execução pelos pesquisadores da área. Sua evolução obedece à transformação constante dos objetos, sujeitos, contextos e processos comunicativos. Os métodos científicos, embora propostos com a intenção de certa longevidade, têm sua permanência definida por fatores externos a eles e à própria ciência. Logo, pensar metodologicamente os estudos em comunicação não é privilégio das primeiras e nem da atual geração de pesquisadores, considerando a juventude do campo em relação aos demais. Antes disso, é necessidade de todos que investem sua vida na investigação científica. Para alcançar a ciência, é preciso problematizar o modo como se chega até ela, e isso vale para todas as áreas.

De acordo com Maldonado (2003), apesar do reconhecimento formal sobre a importância do nível metódico, este continua abordado em termos instrumentais e secundários, sendo muito difícil encontrar problematizações metodológicas vinculadas com a estrutura teórica e com a problematização empírica. Para consolidar-se como um campo de pesquisa científica, o jornalismo precisa chamar para o centro da discussão científica questões como os procedimentos, as técnicas e os conceitos construídos através da pesquisa empírica, os quais fornecem as chaves metodológicas para a construção deste campo do saber, como salienta Barbosa (2002). Escolher um método significa, para ela, priorizar teorias, criadas e/ou desenvolvidas no interior do próprio campo.

### **3 Na prática**

Difícilmente a opção metodológica precede o objeto. Na maioria das vezes, os investigadores têm diante de si um objeto de pesquisa e um problema a resolver: como abordá-lo? A escolha do método é definidora dos rumos do trabalho e deve estar estreitamente relacionada com seus objetivos. A primeira

pergunta deve ser: o que pretendo com esta pesquisa? Após esta definição primeira é que partimos para o como fazer, para o questionamento dos procedimentos e ferramentas metodológicas que estão relacionadas com este objeto.

Aplicar um método não significa replicar passos pré-estabelecidos. O método é o guia que nos acompanha ao longo de toda a pesquisa e deve, portanto, ser adaptado à realidade que estamos pesquisando. Assim, independente de qual seja a opção do pesquisador, a metodologia deve ser problematizada, adaptada, tanto ao campo do jornalismo quanto ao objeto em questão.

Além de investir nesta adaptação – e há uma série de métodos oriundos de outras áreas com aplicação em estágio bastante avançado no campo do jornalismo, como a Análise do Discurso – os pesquisadores da área precisam ser encorajados a propor metodologias próprias, originadas nos conflitos e necessidades do próprio campo.

Em nossa tese de doutorado, propusemos uma estratégia metodológica para o estudo do jornalismo, intitulada Análise Global de Processos Jornalísticos (AGPJ). A proposta tem como preocupação compreender a prática jornalística na contemporaneidade e o modo como ela se insere e se relaciona com as mudanças sociais e culturais em curso. Levando em consideração o circuito comunicacional proposto por Richard Johnson, autor ligado aos estudos culturais, contempla as condições relacionadas aos momentos deste processo – produção, textos, leituras e culturas vividas/relações sociais.

Acho que é mais fácil (na tradição dos Estudos Culturais do Centre for Contemporary Cultural Studies – CCCS) apresentar um modelo de forma diagramática. O diagrama tem o objetivo de representar o circuito da produção, circulação e consumo dos produtos culturais. Cada quadro representa um momento neste circuito. Cada momento depende dos outros e é indispensável para o todo. Cada um deles, entretanto, é distinto e envolve mudanças características de forma (JOHNSON, 1999, p. 33).

De acordo com Johnson, se o pesquisador se coloca em um ponto do circuito, não vê, necessariamente, o que está acontecendo em outros. As formas que têm importância para o cientista, situado em determinado ponto, podem parecer bastante diferentes para outro, localizado em outro ponto. “Além disso, os processos desaparecem nos produtos. Todos os produtos culturais, por exemplo, exigem ser produzidos, mas as condições de sua produção não podem ser inferidas simplesmente examinando-o como *textos*”, explica (1999, p.33). Da mesma maneira, os produtos culturais não são *lidos* apenas por analistas



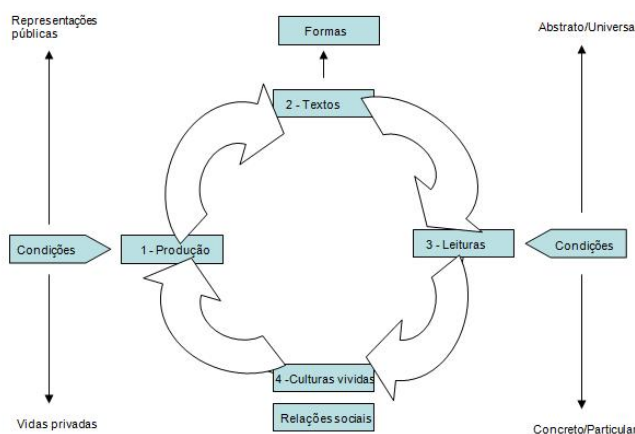
profissionais, mas pelo público em geral. Por isso, essas leituras também não podem ser analisadas apenas em suas condições de produção. “Como qualquer pessoa sabe, todas as nossas comunicações estão sujeitas a retornarem para nós em termos irreconhecíveis ou, ao menos, transformadas”, completa. Pode-se chamar isso de *má impressão* ou de uma *leitura equivocada*, mas elas são tão frequentes que podem ser consideradas normais. O mesmo acontece com uma pesquisa que contemple apenas estudos de recepção, ou suas leituras. As culturas vividas e as relações sociais, que servem de material bruto para uma nova produção cultural, e estão entre as condições especificamente culturais de produção, acabam fora da análise.

Eco (1994), em seus estudos sobre a presença do leitor no texto literário, afirma que todo texto é uma máquina preguiçosa, pedindo ao leitor que faça uma parte de seu trabalho. Entre os conceitos básicos definidos pelo autor, para compreender a relação entre produção e leitura, está o *leitor-modelo*. O leitor-modelo de uma história não é o leitor empírico. Os leitores empíricos podem ler de várias formas, e não existe lei que determine como devem ler, porque, em geral, utilizam o texto como receptáculo de suas próprias paixões, as quais podem ser exteriores ao texto ou provocadas por ele.

O texto é, então, um produto cujo destino interpretativo deve fazer parte do próprio mecanismo gerativo. Gerar um texto significa executar uma estratégia de que fazem parte as previsões dos movimentos dos outros, como em um jogo ou uma batalha. A analogia só perde força pelo fato de que, num texto, o autor costumeiramente quer levar o adversário a vencer, e não a perder. Nesse processo, o próprio leitor empírico de um texto elabora uma hipótese acerca do autor, o *autor-modelo*. Sua configuração depende de traços textuais, mas põe em jogo o universo do que está antes do texto, atrás do destinatário e, provavelmente, diante do texto e do processo de cooperação que se estabelece na leitura (ECO, 1986). A análise desses movimentos permite compreender, de forma mais efetiva, o processo comunicacional.

Observe-se, abaixo, o diagrama desenvolvido por Johnson (1999):

A AGPJ é uma estratégia de investigação que tem como objetivo possibilitar a análise de cada uma destas práticas, destacando o inter-relacionamento das mesmas, à luz dos estudos de jornalismo. Ou seja, estudar o jornalismo, tendo como diretriz o circuito comunicacional de Johnson (1999), analisando os momentos desse processo e seus pontos de intersecção com as teorias e conceitos da área. Trata-se de uma metodologia de pesquisa que permite o emprego de diferentes técnicas, desde que voltadas ao estudo da produção, do texto, da leitura e das relações sociais de um objeto específico. Compreende quatro momentos: análise sócio-histórico-cultural; análise de pro-



dução; análise de textos; análise de leituras e retornos. Embora esses momentos não sejam estanques, não obedeçam a uma seqüência rígida, analisá-los em separado possibilita um melhor entendimento de suas peculiaridades. No entanto, é necessário ter em mente os entrecruzamentos que acompanham esse processo, contínuo e sem limites definidos.

Em nossa tese, quando aplicamos a AGPJ a uma revista especializada em cultura, tivemos resultados satisfatórios observando os principais momentos do processo comunicativo. Trata-se, sim, de um trabalho que exige fôlego e tempo do cientista, mas que, em nosso ponto de vista, traz uma contribuição importante, pois permite compreender a dinâmica do veículo, a interferência de agentes internos e externos no processo jornalístico e o diálogo que se dá entre produção, textos, leituras e culturas vividas / relações sociais. Há um intenso diálogo, por exemplo, entre equipe de redação e leitores, que não está explícito no texto impresso, mas que se pode constatar através de entrevistas com estes dois grupos. Preocupações comuns, mesmo que analisadas desde pontos de vista diferentes, evidenciam a existência desta relação que se insere no texto, mas está, também, fora dele.

Acreditamos que, neste olhar global, reside a principal contribuição desta estratégia. A preocupação com o todo resulta em um trabalho que permite compreender o processo jornalístico, não apenas o jornalista, a notícia ou seu leitor. Não se trata de uma abordagem melhor, mas diferente. Que não substitui, em hipótese alguma, as investigações que se especializam em um dos momentos do processo, mas se soma a elas para jogar mais luz nessa profissão.

## **4 Considerações finais**

Ter como objeto de pesquisa o processo jornalístico é um desafio. É uma opção que suscita diferentes questionamentos, os quais, na maioria das vezes, não podem ser respondidos apenas com a existência física do objeto escolhido. A discussão metodológica é fundamental para a consolidação do campo de pesquisa em jornalismo – embora seja um espaço em construção, trabalhamos com um amplo repertório, nacional e internacional, que tem contribuído para a compreensão do complexo processo em que se insere essa atividade.

Estudar o jornalismo é, então, considerar as diferentes forças que incidem sobre ele: os jornalistas, os dirigentes das empresas de comunicação, as fontes, os leitores, o mercado, as autoridades políticas e econômicas, etc. É destas tensões que resulta o *texto* jornalístico e se desenham os processos que o envolvem, como a *produção* e as *leituras*. Com o olhar neste processo, foi desenvolvida a *Análise Global de Processos Jornalísticos*, aqui apresentada. A estratégia é uma tentativa de refletir metodologicamente sobre o jornalismo a partir de questionamentos oriundos do próprio campo.

## **5 Referências bibliográficas**

- BARBOSA, Marialva. *Paradigmas de construção do campo comunicacional* In WEBER, Maria Helena; BENTZ, Ione; HOHLFELDT, Antonio. Tensões e objetos de pesquisa em comunicação. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- BERGER, Charles. *Por que existem tão poucas Teorias da Comunicação* In MARTINO, Luiz (org). Teorias da Comunicação – Muitas ou poucas? Cotia: Ateliê Editorial, 2007.
- \_\_\_\_\_. *As epistemologias contemporâneas e o lugar da Comunicação* In LOPES, Maria Immacolata Vassalo de Lopes. Epistemologia da Comunicação. São Paulo: Loyola, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Pesquisa em comunicação: Formulação de um modelo metodológico*. São Paulo: Loyola, 1990.
- BENETTI, Márcia. *Jornalismo e perspectivas de enunciação: Uma abordagem metodológica*. 2006. No prelo.
- \_\_\_\_\_. *Análise de Discurso: Estudo de vozes e sentidos*. 2006. No prelo.
- \_\_\_\_\_ e LAGO, Cláudia. *Metodologia de Pesquisa em jornalismo*. Petrópolis: Vozes, 2007.

- DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2006.
- ECO, Umberto. Seis passeios pelos bosques da ficção. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- GADINI, Sérgio Luiz. Dilemas da pesquisa brasileira no jornalismo contemporâneo. Pauta Geral – Revista de Jornalismo, ano 12, n. 7, 2005.
- HOHLFELDT, Antonio; FRANÇA, Vera; MARTINO, Luiz. Teorias da comunicação. Petrópolis: Vozes, 2001.
- \_\_\_\_ e STRELOW, Aline. *Métodos de pesquisa em jornalismo* In SOUSA, Jorge Pedro. Jornalismo – História, Teoria e Metodologia: Perspectivas luso-brasileiras. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2008.
- \_\_\_\_ e STRELOW, Aline. *Metodologias de pesquisa em jornalismo no Brasil*. Comunicação apresentada no 5º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, promovido pela SBPJor, em Aracaju (Sergipe), em novembro de 2007.
- JOHNSON, Richard. O que é, afinal, estudos culturais? Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- KANT, Immanuel. Crítica da razão pura. São Paulo: Martin-Claret, 2006.
- LOPES, Maria Immacolata Vassalo de Lopes. Epistemologia da Comunicação. São Paulo: Loyola, 2003.
- MALDONADO, Alberto Efendy. *Explorações sobre a problemática epistemológica no campo das ciências da Comunicação* In LOPES, Maria Immacolata Vassalo de Lopes. Epistemologia da Comunicação. São Paulo: Loyola, 2003.
- MARTINO, Luiz (org). Teorias da Comunicação – Muitas ou poucas? Cotia: Ateliê Editorial, 2007.
- \_\_\_\_. *As epistemologias contemporâneas e o lugar da Comunicação* In LOPES, Maria Immacolata Vassalo de Lopes. Epistemologia da Comunicação. São Paulo: Loyola, 2003.
- MEDITSCH, Eduardo. O jornalismo é uma forma de conhecimento? In: HOHLFELDT, Antonio; GOBBI, Maria Cristina (Orgs.). Teoria da Comunicação: Antologia de Pesquisadores Brasileiros. Porto Alegre: Sulina, 2004. p. 363-378.

- MELO, José Marques de (Org.). *Pesquisa em comunicação no Brasil: Tendências e perspectivas*. São Paulo: Cortez/Intercom, 1983.
- \_\_\_\_\_. *A esfinge midiática*. São Paulo: Paulus, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Comunicação social: Teoria e pesquisa*. Petrópolis: Vozes, 1971.
- \_\_\_\_\_. *Pesquisa jornalística: A moderna tradição brasileira*. In: JOURNALISM BRAZIL CONFERENCE, 1., Porto Alegre, 03 a 05 de novembro de 2006. Anais. Porto Alegre, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Teoria do jornalismo: Identidades brasileiras*. São Paulo: Paulus, 2006.
- RODRIGUES DOS SANTOS, José. *Comunicação*. Lisboa: Prefácio, 2001.
- SODRÉ, Muniz. *Ciência e método em comunicação*. In: LOPES, Maria Immacolata Vassalo de (Org.). *Epistemologia da comunicação*. São Paulo: Loyola, 2003.
- SOUSA, Jorge Pedro. *Jornalismo – História, Teoria e Metodologia: Perspectivas luso-brasileiras*. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2008.
- SILVA, Juremir Machado da. *Para além da pureza do método*. In ALMEIDA, Maria da Conceição de; KNOBB, Margarida; e ALMEIDA, Ângela Maria (orgs.). *Polifônicas idéias: Por uma ciência aberta*. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- STRELOW, Aline. *Análise Global de Processos Jornalísticos*. Trabalho apresentado no 5º SBPJOR – Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Aracaju (SE), 2007. Disponível no CD ROM do evento.
- THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade: Uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- TRAQUINA, Nelson (org.). *Jornalismo: Questões, teorias e estórias*. Lisboa: Vega, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Teorias do Jornalismo – Por que as notícias são como são*. Florianópolis: Insular, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Teorias do Jornalismo – A tribo jornalística: Uma comunidade interpretativa transnacional*. Florianópolis: Insular, 2005.

VIZEU, Alfredo. *Metodologias de pesquisa. O estado da arte no campo do jornalismo*. Conferência apresentada no 5º SBPJor – Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, realizado entre os dias 15 e 17 de novembro de 2007, em Aracaju (SE).

WOLF, Mauro. *Teorias da comunicação*. Lisboa: Presença, 2001.